



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS SANTANA
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

SAMI HIASMIN DOS SANTOS NOBRE

**AS REPRESENTAÇÕES DE SERES MITOLÓGICOS FEITAS POR PLATÃO:
ESTUDO DE CASO DE ORFEU**

SANTANA

2019



SAMI HIASMIN DOS SANTOS NOBRE

**AS REPRESENTAÇÕES DE SERES MITOLÓGICOS FEITAS POR PLATÃO:
ESTUDO DE CASO DE ORFEU**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Federal do Amapá, sob orientação do Prof. Me. Rafael César Pitt.

SANTANA

2019

RESUMO

Este artigo pretende apresentar a representação que Platão fez em nome de Orfeu, respondendo o problema de pesquisa principal, “Como Platão representou Orfeu?”. Assim, de acordo com esta pergunta traçamos três objetivos para chegarmos há uma conclusão, que seja favorável a pergunta e nos faça refletir e chegar a um objetivo. O objetivo número um tem como ideia principal apresentar obras literárias antigas em que o mito de Orfeu é citado, trazendo consigo fotografias de vasos onde Orfeu é demonstrado, assim podemos entender o que essas obras literárias, e autores pensavam sobre Orfeu, traçando reflexões favoráveis há pergunta principal. O segundo objetivo traz as citações que Platão fez em nome de Orfeu, aqui apenas apresentamos a obra, e comentamos essas referências que o filósofo faz em nome de Orfeu. Na última parte, terceiro objetivo, paramos para refletir os motivos que levaram Platão a citar Orfeu, e respondemos a pergunta proposta dès do começo. Na conclusão mostramos todas as respostas possíveis para a pergunta “Terá sido Orfeu um sofista?”. Assim, respondemos as duas perguntas propostas como problema e chegamos a uma resposta reflexiva.

Palavras-chave: Platão. Orfeu. Representações. Filosofia. Sofista.

ABSTRACT

This article aims to present Plato's representation on behalf of Orpheus by answering the main research problem, "How did Plato represent Orpheus?" So, according to this question, we have three goals to arrive at. There is a conclusion that is favorable to the question and makes us reflect and reach a goal. The main objective is to present ancient literary works in which the myth of Orpheus is quoted, bringing with it photographs of vases where Orpheus is shown, so we can understand what these literary works, and authors thought about Orpheus, drawing favorable reflections for main question. The second objective brings the quotes that Plato made in the name of Orpheus, here we only present the work, and comment on these references that the philosopher makes in the name of Orpheus. In the last part, third objective, we stop to reflect the reasons that led Plato to quote Orpheus, and answer the question proposed from the beginning. In the conclusion we show all the possible answers to the question "Was Orpheus a sophist?" So we answer the two questions posed as a problem and come up with a reflexive answer.

Keywords: Plato. Orpheus. Representations. Philosophy. Sophist.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	06
1	AS FONTES ANTIGAS	08
2	OS TEXTOS DE PLATÃO	12
3	OS MOTIVOS DE PLATÃO	17
4	CONCLUSÃO	21
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23
	ANEXOS	24
	ANEXO A	24
	ANEXO B	25
	ANEXO C	26
	ANEXO D	27
	ANEXO E	28
	ANEXO F	29
	ANEXO G	30
	ANEXO H	31
	ANEXO I	32
	ANEXO J	33
	ANEXO K	34
	ANEXO L	35

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como título “As representações de seres mitológicos feitas por Platão: estudo de caso de Orfeu”. O problema de pesquisa que nos norteou foi: Como Platão representou Orfeu? – e se desdobra assim: quais os termos/caracteres destas representações? Em que contexto e para qual fim? O que estas representações nos dizem sobre Platão? Estas perguntas levantam também hipóteses que ao longo do trabalho fomos testando a respeito da recepção platônica dos mitos; a reelaboração dos mitos a um novo tipo de uso filosófico; a relação de Platão com o passado mítico do povo grego (aceitação, rejeição, mero pretexto?) – em suma: o que estas representações nos permitem pensar acerca de Platão e do uso que ele faz deste personagem mítico?

Para respondê-las traçamos algumas metas. A primeira foi apresentar uma “imagem” do ser mitológico segundo as fontes antigas (literárias e iconográficas). Este objetivo foi realizado no tópico 1 abaixo, onde tentamos construir um texto corrente unificando várias citações de autores antigos sobre Orfeu. Se conseguimos algo ali foi reconstruir minimamente a visão interna dos antigos sobre Orfeu, o que serve para nós como parâmetro para avaliar como depois Platão o representou.

Um aviso: devido à dificuldade de se encontrar textos gregos antigos traduzidos em português optamos por colher estas citações de outras fontes academicamente reconhecidas como dissertações e teses aprovadas. Isto nos permitiu ampliar o número de fontes antigas para uma quantidade que, nós mesmos, não conseguiríamos nem possuir em português nem tampouco traduzir do original grego.

E quanto à primeira meta fizemos uso de um expediente bastante valorizado na área dos Estudos Clássicos que é o uso de iconografia como fonte autoral. Em nenhum momento discutimos a validade da arte como fonte de representação da cultura e do pensamento de um povo. Ao contrário, assumimos esta tese aqui sem nenhuma reserva. E aproveitamos as muitas figuras disponíveis *on-line* para fazer a elas a mesma pergunta feita aos livros antigos: como Orfeu foi representado? Com ambos – textos escritos e textos pintados – reconstruímos um pouco da visão antiga sobre Orfeu.

Nossa segunda meta foi separar as passagens dos livros de Platão onde o mesmo menciona o nome de Orfeu. Neste segundo objetivo nos limitamos a apresentar a obra, o contexto e a passagem, ou seja, uma demarcação puramente física do objeto “representação de Orfeu”. Neste segundo objetivo não discutimos os possíveis sentidos para Platão ter feito uso

do nome de Orfeu, isto é, não discutimos o mérito da questão. Isto será feito na última parte do trabalho.

Na terceira meta questiona-se quais teriam sido as razões e significados possíveis para Platão ter usado o personagem mítico. E nossa hipótese mais forte a ser comprovada aqui é que Orfeu, para Platão, concentra poderes e habilidades que seriam semelhantes aos dos sofistas. A capacidade de seduzir pelo discurso, de criar seguidores e de inspirar multidões – a retórica – seria o elemento unificador do personagem da mitologia e do ambiente social platônico do século IV a.C.

Com isto caminhou-se para a conclusão do trabalho onde se questiona, senão retoricamente, pelo menos conscientes do que será falado: terá sido Orfeu um sofista?

1 - AS FONTES ANTIGAS

Neste tópico vamos mostrar uma série de citações antigas sobre Orfeu e em seguida comentá-las rapidamente naquilo que cada uma traz de essencial ou novidade. Em seguida faremos o mesmo com as imagens iconográficas que estão listadas no Anexo.

No livro IV de *Bucólicas y Geórgicas* (VIRGÍLIO, p. 227), Orfeu é citado pela perda de sua esposa, vejamos:

No habló más. El vate, a estas palabras, con un esfuerzo violento,
acabó por clavarle los ojos ardientes con glauco color
y, rechinando los dientes, su boca profirió el oráculo:

“Las iras de una divinidad te persiguen:
has cometido una falta grave. En su inmerecida desgracia, Orfeo
provoca tu castigo y, si los Hados no se oponen, venga con dureza la pérdida de su esposa.
Ella, en verdad, joven destinada a la muerte, al huir de ti corriendo
junto al río, no vio a sus pies, en la crecida yerba,
una enorme serpiente que habitaba las orillas.
Entonces el coro de las Dríades, coetáneas suyas, llenaron de clamores
los altos montes; lloraron las cimas del Rodope, las alturas del Pangeo y la tierra de Reso, preferida de Marte,
y los getas y el Hebro y la actiada Oritia.
Orfeo, buscando consuelo a su doliente amor en la cóncava lira,
te cantaba, dulce esposa, te cantaba solo consigo en solitaria orilla,
te cantaba cuando llegaba el día, cuando se retiraba el día.

Ele não falou mais. Vate, nestas palavras, com um esforço violento,

Ele acabou manchando seus olhos em chamas com uma cor glaucosa
e, rangendo os dentes, sua boca proferiu o oráculo:

“A ira de uma divindade persegue você:
Você cometeu uma ofensa grave. Em seu infortúnio imerecido, Orfeo
provocar sua punição e, se o destino não se opuser,
Venha duramente a perda de sua esposa.
Ela, realmente, jovem mulher destinada à morte, fugindo de você correndo
junto ao rio, ele não viu a seus pés, na grama inchada,
uma cobra enorme que habitava os bancos.
Então o coro dos Driades, seus contemporâneos, cheio de clamor
as altas montanhas; os topos do Rhodope choraram, as alturas de Pangeo e a terra de Reso, a favorita de Marte,
e as getas e o hebro e a oritia actiada.
Orfeu, buscando consolo em seu luto amor na lira côncava, eu cantei para você, doce esposa, eu cantei para você sozinho com você em uma praia solitária, eu cantei para você quando chegou o dia, quando o dia se aposentou.

No texto há uma narrativa em torno de Eurídice, mulher de Orfeu que foi morta picada por uma cobra, tentando escapar de Aristeu. A citação faz referência a dor que Orfeu sentiu na perda da mulher amada. A obra visa descrever a dor que ele sentiu logo após sua morte, cantando para sua falecida esposa, sempre sozinho, esperando até o dia acabar. Esta é uma das referências mais comuns a Orfeu, a saber, aquele que busca consolo e alento na música, no som, nas palavras. Aqui está implícito o poder de persuasão que interessa a Orfeu – o poder de moldar seu estado sentimental pela lira e pelo som.

O autor de peças de teatro Eurípides, em *Medéia*, enfatiza Orfeu a partir de sua música.

Todos os gregos perceberam que eras sábia e tornaste-te famosa; se habitasses nos confins da terra, não se falaria de ti. Que eu não tivesse o ouro em casa, nem cantasse uma melodia mais bela que a de Orfeu, se a fortuna insigne me não tocasse (EURÍPIDES, s.d., v. 543).

O poeta apresenta Orfeu pelo seu dom famoso com a arte musical, dando a entender que apenas Orfeu tinha o poder de cantar uma bela melodia, tal qual ninguém poderia chegar. Orfeu aqui é representado pelo seu modo de cantar e de encantar as pessoas, até mesmo a natureza. Segundo o mito, o poder de sua música era capaz de fazer as feras mais selvagens o seguir, as plantas se curvarem, e as pessoas mais rudes se acalmar.

Há outra passagem de Eurípides em *As Bacantes* (vv. 556-563) onde Orfeu é enfatizado da mesma forma.

Talvez agora na selvagem Nisa
agitar tirso, Dioniso,
ou nos picos de Corico?
Talvez você esteja no arborizado
vale do Olimpo, onde
uma vez Orfeu citarista
atraídos pela floresta com as músicas,
Ele domou as feras selvagens (EURÍPIDES *apud* CARDERARO, 2015, p. 43-4).

Como ele tem o poder de encantar a todos, ele pode ir a qualquer lugar sem medo, sem medo do que pode vim a acontecer, ou vir a enfrentar pela frente, pois seu canto pode dominar uma pessoa que esteja com maldade, ou até mesmo um animal furioso, fazendo assim com que ele possa ir e vir sem temer os perigos que encontrar pela frente.

Ésquilo, também famoso por suas peças teatrais, oferece em *Os Persas* (vv. 234-238) uma das variantes mais fortes do mito, a saber, aquela na qual Orfeu é o construtor do instrumento musical lira. Outras versões sobre a origem deste instrumento conferem a Hermes

este feito. Da forma como o teatrólogo põe a questão fica patente o poder de Orfeu sobre a música como um dom divino restando depois dele apenas a ordenação dos estilos sonoros.

Primeiro construiu a lira
Orfeu de variado canto,
Filho da piedosa Calíope
E depois disso Terpandro em dez
Cantos ordena a música.
(ÉSQUILO *apud* CARDERARO, 2015, p. 39, tradução de
Roosevelt Rocha).

Orfeu dominava a habilidade de manusear vários instrumentos como a Lira, a Cítara, e a Phorminx¹. Assim há algumas passagens citando alguns desses instrumentos. Na *IVª Pítica* de Píndaro (vv. 176-177), o poeta enfatiza o dom de Orfeu que é o canto e sua arte de tocar um dos seus instrumentos que é a phorminx, fazendo uma relação com Apolo, outro personagem da mitologia comumente relacionado à musicalidade e, em uma versão forte do mito, pai de Orfeu.

E de Apolo vem o mestre na *phorminx*, pai do canto
O muito louvado Orfeu.
(PÍNDARO *apud* CARDERARO, 2015 p. 40)

Na citação, Píndaro caracteriza Orfeu como alguém que tem muita fama, ou seja, alguém muito “louvado”. Isto nos mostra um aspecto importante para o que trataremos ao final deste trabalho, a saber, Orfeu dispunha de seguidores, admiradores, pessoas que o seguiam e que o tomavam como digno de ser ouvido. Isto significa que Orfeu possuía o poder de influenciar multidões ou grupos de pessoas, o que na época de Platão – séculos adiante – será uma habilidade sofista extremamente poderosa dentro das discussões políticas.

Pseudo-Plutarco – autor ou autores sobre o qual até hoje não se chegou a uma definição identitária - faz uma passagem interessante sobre Orfeu em seu texto *Sobre a Música* (5.1132f, tradução de Roosevelt Rocha):

[...] é que Terpandro tomou por modelo os versos de Homero e as melodias de Orfeu. E claro que Orfeu, por outro lado, não imitou ninguém, pois antes dele não houve ninguém, senão os compositores de peças aulódicas. Mas as obras de Orfeu não se parecem em nada com as obras desses.
(PSEUDO-PLUTARCO *apud* CARDERARO, 2015, p. 41).

¹ Phorminx era uma espécie de cítara mais leve em forma de meia lua.

Nessa passagem Terpandro usa o exemplo de Orfeu como modelo afirmando que sua música e suas obras não podem ser comparadas com nenhuma outra. Além de únicas, Orfeu não imitou ninguém, pois antes dele não houve alguém que pudesse ser tão capaz de executar a música.

De maneira geral Orfeu sempre é enfatizado por sua capacidade de atrair as pessoas através da música. Na maior parte das vezes há menção à “lira” ou “cítara”, sempre destacando o poder encantatório de seu canto. Com todo esse poder de conquista através da música, Orfeu vai ao Hades tentar recuperar a esposa morta por uma picada de cobra. Ali no submundo Orfeu conseguiu dobrar as vontades de Hades e Perséfone cantando sobre as dificuldades do amor não correspondido. Os deuses permitem que ele leve Eurídice de volta, contanto que na volta Orfeu não olhe para trás, pois pode perdê-la definitivamente.

Orfeu um tanto desconfiado segue para fora dali, mas antes do fim da jornada olha para trás e, como punição, perde definitivamente o amor de sua vida: Eurídice duas vezes morta.

Pierre Grimal em seu *Dicionário de Mitologia Grega e Romana* (2005, p. 40-41), define o mito de Orfeu como o mais carregado de obscuridade, simbolismo e tradição. Caracterizado como um mito de grande importância para tantos outros mitos, usando o mito de Orfeu como referência, o autor diz que se tratou com certeza de um dos mitos mais populares na antiguidade e do qual mais foram feitas apropriações e representações.

É com esta convicção em mente que nos dispusemos a analisar as imagens de alguns vasos antigos como legítimos *textos pintados*. Em nosso trabalho eles são fontes de pesquisa da mesma importância que os textos escritos. Selecionamos 12 imagens que estão em Anexo.

De muitas fontes que citam o mito de Orfeu, existem vasos que descrevem, sua morte, ou Orfeu tocando sua Lira, alguns fugindo de mulheres trácias. Os vasos se enquadram entre os séculos VI e IV a.c.

No vaso 1 - Anexo A é possível identificar Orfeu com uma possível cítara na mão direita, em volta podemos ver imagens de pássaros voando, dando a entender que sua música era tão chamativa que até os pássaros chegavam para escutar. Há também uma ilustração de chifres com um machado ao meio, dando a entender que havia um contexto religioso em volta da época em que o vaso foi inserido.

Na fotografia 2 - Anexo B temos um vaso de pouca visualização, mas que permite identificar um homem em pé como sendo Orfeu, pois na mão direita há uma cítara. De cada lado há uma sereia, dando a entender que estão voltadas para a imagem de Orfeu. Trata-se da famosa cena do mito da expedição argonáutica de Jasão na qual, graças a Orfeu, todos foram

salvos das temíveis Sereias. Derrotadas em seu próprio domínio, o musical, algumas ficaram tão ofendidas com a superioridade sonora de Orfeu que preferiram se matar.

No vaso 3 - Anexo C vemos Orfeu subindo em uma Bema, Bema é uma plataforma elevada, usada na Grécia Antiga como forma de Pódio para um orador, onde somente personalidades ilustres para o público podiam subir. Na mão esquerda Orfeu está segurando sua cítara, não está tocando, apenas subindo ao Bema, dando a entender que irá fazer uma apresentação.

Na fotografia 4 - Anexo D são dois vasos que se compõem para uma melhor interpretação. E um deles há Orfeu com sua lira na mão direita em movimento de corrida, porém com a cabeça virada para o lado contrário. No outro vaso há uma mulher correndo atrás de Orfeu, com um machado de duas lâminas na mão direita e seu outro braço estendido para frente. A interpretação mais segura aqui faz menção à parte final do mito de Orfeu quando o mesmo foi morto e esquartejado por mulheres trácias.

Em alguns vasos há sempre a mesma sequência de demonstrações onde a morte do Orfeu é representada. Na imagem 5 - Anexo E temos novamente mulheres trácias correndo atrás de Orfeu e matando-o. Assim vemos a importância dada a essa questão, o que corrobora a versão do mito no qual a morte de Orfeu ocorre pelas mãos destas personagens femininas.

No vaso 6 - Anexo F há uma ilustração de Orfeu ao centro com dois homens em volta. No meio Orfeu toca sua lira sentado em uma rocha, ao seu lado, um homem vestindo roupas tipicamente trácias, apreciando a música de Orfeu, com um dos braços na cintura e nas costas uma figura que se parece com um escudo. Na frente de Orfeu, um homem parado apoiado em um cajado, apreciando Orfeu com sua lira. A imagem sugere a atenção e a admiração que as pessoas dispunham a Orfeu quando este executava algum instrumento.

Como dito há representações da mesma cena. No vaso 7 - Anexo G novamente a morte do personagem é posta em tela. Orfeu em frente a mulher trácia, caído ao chão em forma de queda, em sua mão direita está sua lira em cima de sua cabeça; além disso, Orfeu foi atingido por uma lança no tórax. Atrás de Orfeu há uma trácia que na sua mão direita está uma espada perfurando a garganta de Orfeu, e na sua mão esquerda segurando a cabeça de Orfeu para matá-lo. Atrás de uma trácia há uma mulher observando.

Na imagem 8 - Anexo H há Orfeu no lado esquerdo sentado sobre uma rocha, tocando sua lira. Em sua frente há um ancião apreciando Orfeu, em suas costas há duas lanças. Orfeu vestido como um jovem grego, o homem que aprecia Orfeu vestindo trajes trácios. Mais uma vez pode-se tratar da representação de quando Orfeu foi atacado, o que compõe um conjunto

bastante variado de representações da mesma cena. Isto nos mostra a elasticidade do mito e sua capacidade de ser válido independente de variações secundárias.

No vaso 9 - Anexo I Orfeu está sentado em uma rocha com sua lira na mão; está vestido com trajes gregos e com uma coroa na cabeça. Em sua frente um guerreiro, nas suas mãos algo que representa uma lança, esse guerreiro conversa com uma mulher trácia. A perna da mulher trácia está levantada, e em uma de suas mãos há uma foice.

Nos vasos 10 e 11 - Anexo J e Anexo K, Orfeu toca sua lira com pessoas em sua volta apreciando sua música. Temos alguns guerreiros em pé, outro está em cima de um cavalo direcionado para Orfeu, dando a entender que está escutando sua música. Nos dois vasos Orfeu segura sua lira e na sua outra mão o plectron, em posição de execução do instrumento. Novamente o poder musical domina a cena, fazendo parar combatentes e guerreiros armados para a guerra.

Um dos vasos mais singulares é o 12 - Anexo L onde Apolo aparece no centro de duas musas e recolhe a cabeça de Orfeu que, depois de esquartejado, ainda continuou cantando. O louro indica a nobreza dos personagens envolvidos e uma variante pouco comum do mito: após morto, Apolo teria se ocupado de silenciar a cabeça de Orfeu, o que indica uma perseverança do poder encantatório para além da vida.

2 - OS TEXTOS DE PLATÃO

O livro *Íon* tem como tema central a poesia. Nele o personagem principal Sócrates conversa com o jovem Íon sobre a validade da poesia, isto é, se esta é fruto de inspiração divina ou fruto do conhecimento. Vejamos a passagem (vv. 533 b – c) onde Orfeu é mencionado:

Sócrates – Com certeza que não, ao que suponho, mas também nunca encontrei uma pessoa que na arte de tocar flauta ou de tocar cítara, de cantar acompanhado da cítara, nem na rapsódia, nunca vi um homem que, acerca de Olimpo, é terrível em fazer a exegese, ou acerca de Tâmiris ou de Orfeu ou de Fêmio, o rapsodo de Ítaca, mas que não tivesse nada a dizer a propósito de Íon, o rapsodo de Éfeso e ficasse embaraçado, sem saber explicar o que está bem ou mal na declamação deste. (PLATÃO, 2011, p. 37)

O contexto desta citação começa alguns versos antes quando Sócrates indaga a Íon se o mesmo conhece casos de diversas artes (escultura, pintura, música) na qual o executor da arte seja bom no que faz e ruim no que julga do que fez. Mais claramente, Sócrates está perguntando a Íon se conhece algum artista/sábio que domine uma técnica sem compreendê-la completamente.

O pano de fundo desta questão é se aquele que faz algo (o poeta por exemplo) tem consciência plena do que faz (ou seja, conhecimento teórico). Para o que nos interessa, na citação Orfeu é posto como um ícone em uma das artes (no caso a música). Este uso que Platão faz dele indica que, nesta passagem, Orfeu é uma espécie de símbolo cultural compartilhado, semelhante ao que seria Édipo quanto a má sorte ou Medusa relativo a perigo de morte.

Na continuidade da conversa temos esta passagem (v. 536b):

Sócrates – [...] Um poeta liga-se a uma Musa, aquela a uma outra. Chama-se a isso ser possuído, que é o mesmo que dizer que ser arrebatado. Destes primeiros anéis estão por sua vez suspensos outros homens – de uns ou de outros – que deles recebem inspiração. Uns estão suspensos de Orfeu, outros de Museu, mas a maior parte está ligada a Homero e é por ele possuída. Tu és um desses também, Íon, um dos que são possuídos por Homero e, quando se canta outro poeta, ficas cheio de sono e não tens nada a dizer; mas quando se canta esse poeta te animas imediatamente, a tua alma dança e as ideias sobre o que dizer te chegam em catadupa. (PLATÃO, 2011, p. 45)

Aqui o uso do nome de Orfeu já recebe outra configuração. Percebe-se que, assim como as Musas dotam os poetas de inspiração divina para suas obras belas, Íon “é possuído” por

Homero e outros poetas – aqui não descritos – são possuídos por Orfeu. Ou seja, o contexto aqui é claramente diverso do anterior.

Orfeu é alçado à condição de “força” (divina, superior ou encantatória); poder superior que o poeta precisa se inspirar antes de declamar. O poeta precisa estar fora de si, sem o uso da razão. Enquanto não sentir isso, nenhum ser é capaz de fazer poesia ou proferir oráculos, de acordo com Sócrates, pois é a própria divindade que fala através dos poetas. Daí Orfeu ser associado à perda da racionalidade e da parte teórica da alma.

Outro livro de Platão, *Protágoras*, se ocupa do tema da virtude e se a mesma é inata ou pode ser aprendida. Vamos sempre encontrar Sócrates como principal personagem nos diálogos de Platão. Vejamos o recorte de uma das falas socráticas (v. 315a -b):

Por fim, sem parar de resmungar, o homem abriu a porta. Ao entrarmos, avistamos Protágoras a passear no pórtico; acompanhando-lhe os passos, encontravam-se, de um lado, Cálias, filho de Hipônico, e seu irmão uterino, Páralo, filho de Péricles, bem como Cármides, filho de Gláucone; do lado oposto, o outro filho de Péricles, Xantipo, Filípides, filho de Filomelo, e Antímeros, de Mende, o mais famoso dos discípulos de Protágoras, que estudava com ele para seguir a profissão de sofista. Atrás desses vinha um bando de ouvintes, entre os quais se viam muitos estrangeiros, que Protágoras arrebanhava das cidades por onde passara, atraindo-os com sua voz, como fazia Orfeu, e eles, enfeitiçados, o seguiam. (PLATÃO, 2002, p. 57)

Aqui Sócrates e Hipócrates acabam de chegar nos aposentos dos Sofistas, procurando Protágoras, para uma discussão. Logo que chegam ele visualiza o filósofo cheio de discípulos em volta, que estudavam com Protágoras para seguir como Sofista. Na citação ele faz referência as pessoas que seguem Protágoras, dando a entender que é a mesma coisa que Orfeu fazia com sua música, atraindo as pessoas com sua voz. Assim enfeitiçados com a voz dos Sofistas, acabam seguindo o filósofo, da mesma forma como Orfeu fazia com a sua música.

Esta talvez seja a crítica mais forte que Platão faz a Orfeu, apesar de ser velada. As expressões “bando de ouvintes” e “enfeitiçados” sugerem que o filósofo rejeitava tal comportamento “de manada” das pessoas admiradoras dos sofistas. É claro que Orfeu mesmo, por assim dizer, aqui é um símbolo de “líder de grupos”, e Platão não indica querer problematizar a liderança em si. O problemático e, por assim dizer, o criticável para Platão é este “domínio sobre os outros” que, inevitavelmente, cega e coage os seguidores a continuarem sem pensamento próprio.

Já o diálogo *Banquete* traz vários discursos sobre o amor. O diálogo começa quando alguns pensadores estão bebendo e começam a se perguntar por que o amor não é tão discutido

entre eles, quando chegam à conclusão que cada um irá fazer um discurso de louvor ao Amor, o mais belo que puder falar.

Em determinado trecho é posto um exemplo da força do amor que é morrer pela pessoa amada. Tal feito não é exclusivo aos homens, mas também pelas mulheres. Faz-se a citação de Alceste que dá esta prova aos Deuses ao morrer pela pessoa que amava. Depois de fazer esse ato tão belo e grandioso, não demonstrou apenas aos homens sua coragem, mas também aos Deuses que puderam observar que por mais que os homens tenham feito ações tão boas, não chegam ao nível da mulher Alceste.

Em contrapartida o nome de Orfeu surge como caso contrário de covardia. Vejamos:

A Orfeu, o filho de Eagro, eles o fizeram voltar sem o seu objetivo, pois foi um espectro o que eles lhe mostraram da mulher a que vinha, e não lha deram, por lhes parecer que ele se acovardava, citaredo que era, e não ousava por seu amor morrer como Alceste, mas maquinava um meio de penetrar vivo no Hades. Foi realmente por isso que lhe fizeram justiça, e determinaram que sua morte ocorresse pelas mulheres. (PLATÃO, 1991, p. 46).

Ou seja, aqui Orfeu é posto como símbolo absoluto da falta de amor verdadeiro pois, ao invés de ter a coragem amorosa de morrer pela amante, vai vivo ao Hades implorar pela volta dela à vida. Como sinal de justiça, sua morte veio pelas mãos das bacantes, para que fosse feita justiça divina.

Podemos dizer que aqui Orfeu é mencionado como uma figura literária útil para se discutir aspectos relativos ao amor, no caso, mais próximo de um defeito do que de uma virtude.

Há duas passagens onde Orfeu é citado no livro *Leis*. Na primeira, no livro III, Platão está investigando as origens das constituições. Para tal faz um exercício hipotético no qual o mundo teria sido destruído e restado apenas um mundo sem civilização. Este estado bárbaro e sem qualquer Estado, leis ou constituições terá sido interrompido em algum momento do passado. Vejamos o texto:

Clínias: Queres insinuar que tais coisas permaneceram desconhecidas para os homens primitivos daquela época por milhares e milhares de anos e que há mil ou dois mil anos atrás algumas delas foram reveladas a Déclalo, outras a Orfeu, outras a Palamedes, a arte musical a Mársias e Olimpo, a lírica a Anfion e, em síntese, um enorme número de outras a outros - todas datando, por assim dizer, de ontem ou ante ontem? (PLATÃO, s/d, p. 137).

Tais coisas reveladas são as forças civilizatórias conferidas aos deuses pelos gregos. Palamedes foi famoso por suas muitas habilidades guerreiras. Déclalo, ou como é mais conhecido, Dédalo foi o famoso arquiteto construtor do labirinto do Minotauro – Mársias

famoso músico e Orfeu, poeta e homem das artes sociais e aglutinadoras de pessoas em busca de arte.

Percebe-se então nesta passagem que Orfeu é mais uma vez posto por Platão como uma personalidade mítica da qual teria se originado aspectos importantes da vida grega. Em outra passagem das *Leis*, agora no livro VIII, Platão analisa os regimes políticos reais e faz uma hierarquização do mais ao menos ideal. Vejamos um trecho:

O julgamento destes caberá ao educador e ao resto dos guardiões das leis, que lhes concederão o exclusivo privilégio do discurso livre na canção, enquanto nenhum a permissão será dada aos outros, não devendo tampouco ninguém arriscar-se a cantar uma canção não - autorizada, mesmo que seja mais doce que os hinos de Orfeu ou de Tâmiras; (PLATÃO, s/d, p. 327).

Este trecho apenas notou que Platão mais uma vez faz uso poético e literário da figura de Orfeu como símbolo de doce e agradável musicalidade. Por isso a ênfase na proibição de que se execute a canção, *mesmo que ela seja melhor* do que as de Orfeu.

O livro *A República* é um dos livros mais conhecidos do filósofo Platão. Seu nome correto é “Politeia”² e foi escrito por volta do século IV a.C. É um dos livros mais famosos por ter vários assuntos discutidos como a filosofia, a política e a moral.

No livro II temos esta citação:

E produzem grande quantidade de livros de Museu e Orfeu, descendentes, dizem eles, de Selene e das Musas. Regulam os seus sacrifícios por esses livros e convencem não apenas os simples cidadãos, mas também as cidades, de que se pode ser absolvido e purificado dos crimes, em vida ou depois da morte, por intermédio de sacrifícios e festas a que chamam mistérios. Estas práticas os livram dos males do outro mundo, mas, se as desprezarmos, esperam-nos terríveis suplícios. (PLATÃO, 2000, p. 63)

Aqui Platão está fazendo uma crítica explícita aos seguidores do orfismo³. São eles que “produzem grande quantidade de livros” sobre Orfeu. E os órficos andavam pelas cidades, assim como os sofistas, oferecendo seus escritos como material para compra e uso individual. No caso dos órficos, eram vendedores de fórmulas salvadoras, expurgadoras, capazes de limpar a pessoa de seus erros. Por isso a citação os põe como condenáveis porque, usando de

² Platão escreveu o diálogo Politéia com significado de constituição ou governo.

³ Orfismo é o nome dado a um conjunto de crenças e práticas religiosas, associada ao poeta mítico Orfeu.

charlatanismo, vendiam seus textos para livrar a pessoa do mal, mas se as mesmas não os comprassem, estariam condenadas a “terríveis suplícios”.

A outra passagem encontrada na *Politeia* platônica está no livro final, dentro do longo e obscuro Mito de Er. Er teria sido um soldado que caiu no campo de batalha e, confundido com os mortos, foi posto na pira, porém, acordando, traz um relato maravilhoso do que teria visto durante aqueles instantes em que “passeou” fora do seu corpo no mundo dos mortos.

O relato de Er é muito longo e rico, e abaixo trazemos apenas a citação do nome de Orfeu dentro de sua fala sobre reencarnação.

Era um espetáculo das almas que escolhem a sua condição, acrescentava Er, valia a pena ser visto, porque era digno de dó, ridículo e estranho. Com efeito, era segundo os hábitos da vida anterior que, a maioria das vezes, faziam a sua escolha. Ele dizia ter visto a alma que foi um dia a de Orfeu escolher a vida de um cisne, porque, por ódio ao sexo que lhe dera a morte, não queria nascer de uma mulher. (PLATÃO, 2000, p. 468)

Segundo o relato de Er, Orfeu amargurado por ter sido morto pelas mãos das bacantes, rejeitava nascer novamente do ventre feminino e, por isso, escolhera o animal cisne para reencarnar. Aqui é claro que o uso do nome de Orfeu está diretamente relativo ao seu mito original posto em contexto posterior dentro de outro mito, o de Er. Tenha ou não relação direta com o uso que faz Platão aqui do nome de Orfeu, no Oriente, o cisne é símbolo da música e da poesia, para além de representar a coragem, a nobreza, a prudência e a elegância, atributos que são bastante afeitos a Orfeu.

3 - OS MOTIVOS DE PLATÃO

Na primeira parte vimos as opiniões dos antigos sobre Orfeu, como essas fontes literárias apresentavam e viam o mito. Vimos também através das imagens e dos vasos como os antigos representaram as principais características do personagem. No segundo momento trouxemos uma apresentação dos livros de Platão e sucessivamente as citações nas quais o nome de Orfeu aparecia, fazendo uma breve explicação dessas passagens.

Neste último momento vamos abordar aquele que é, para nós, o principal motivo pelo qual Platão utiliza o nome de Orfeu em seus livros. Em síntese é porque, para o filósofo, o personagem mítico possui poderes, habilidades e características que estão presentes nos Sofistas. E como Platão foi defensor da dialética e opositor consistente dos discursos retóricos, entender um pouco sobre o posicionamento do filósofo frente aos sofistas nos ajuda a explicar os motivos pelos usos do personagem mitológico.

Com o objetivo de conhecer e discutir a realidade de uma forma racional, surgiram alguns homens na Grécia chamados “Sofistas”. A profissão de Sofista era caracterizada como a de um professor, com o objetivo de ensinar a “*areté*” que quer dizer “excelência” ou “virtude”.

Como se sabe o movimento sofístico possuiu longa duração. Nunca deixou de haver sofistas no mundo grego desde o século V a. C. até o final do império romano. Os sofistas foram identificados por sua atividade mais característica, a educação da juventude, e por sua habilidade na composição de discursos. A rigor o título de sofista designa o maestro de eloquência da *paidéia* (a educação do homem grego).

A idéia sofística de educação representa um ponto culminante na história interna do Estado grego. É certo que o Estado há séculos havia determinado a forma da vida dos seus cidadãos e que a poesia, em todas as suas formas, tinha celebrado o seu cosmos divino. Mas nunca a tarefa educativa do Estado fora exposta e defendida com tal amplitude (JAEGER, 2003, p. 346).

As críticas da Academia de Platão a esses profissionais menosprezavam sua fama, embora muitos deles preferissem o nome de retóricos ao de sofistas. Em princípio um retórico é alguém que prepara os discursos que irá pronunciar em assembleias políticas e ocasiões cerimoniais, sem excluir a composição de discursos judiciais para serem utilizados por outros ou por ele mesmo. Alguns retóricos aceitavam comunicar suas experiências a outras pessoas e o faziam de modo eminentemente prático, com vistas a uma utilidade imediata.

O termo “Sofista” foi criado por Protágoras, discípulo de Demócrito. Sofista significa “sábio”, “especialista do saber”. Embora a acepção do termo seja positiva, depois de algum tempo passou a ficar negativa, sobretudo depois que Platão e seus discípulos se esforçaram para superar o modo de ensinamento dos Sofistas. Vale como exemplo deste esforço dos alunos de Platão contra os sofistas uma das principais ferramentas teóricas criadas por Aristóteles, o silogismo⁴. É o que nos ensina o historiador da filosofia Giovanni Reale:

A refutação correta é um silogismo cuja conclusão contradiz a conclusão do adversário. As refutações dos Sofistas, ao contrário (e, em geral, as suas argumentações), eram tais que pareciam corretas, mas, na realidade, não eram, valendo-se de uma série de truques para enganar os inexperientes. (REALE, 2003, p. 231).

Aristóteles e, antes dele, seu mestre Platão sustentaram que os ensinamentos dos sofistas eram “aparentes” e que não estavam preocupados em ensinar a “verdade” aos seus alunos, mas sim, apenas com objetivo de ganhar lucros. A verdade para Platão não estava no campo das aparências (dos fenômenos) e sim no das essências. Reale chama esta dimensão abstrata da filosofia platônica de “segunda navegação”.

A "segunda navegação", portanto, leva ao reconhecimento da existência de dois planos do ser: um, fenomênico e visível; outro, invisível e metafenomênico, captável apenas com a mente e, por conseguinte, puramente inteligível. (REALE, 2003, p. 139).

Portanto, para Platão, toda habilidade, técnica ou instrumento que trabalhasse no campo das aparências sem recurso metafenomênico estaria, inevitavelmente, do lado contrário da dialética e da busca sincera pela verdade. É neste lado das sensações e das aparências que Platão enxerga os sofistas e, como referência mítica, Orfeu.

Vimos pelos vasos e citações que Orfeu era “louvado”, isto é, bem quisto pela comunidade. Alguém dotado de fama, renome, reconhecimento coletivo por sua excelência. Os sofistas também eram muito elogiados e bem quistos nas pólis gregas. Muitos filhos de famílias ilustres escolhiam a profissão sofística e a participação da política local de sua própria cidade ou daquela em que aprenderam. Como políticos intervinham nos debates da assembleia, representavam a cidade em questões importantes e ofereciam conselhos e ajuda em tempos

⁴ Silogismo é o termo criado pelo filósofo Aristóteles, na qual designou a conclusão deduzida de premissas, a argumentação lógica perfeita.

conturbados. Em ocasiões cerimoniais como dedicação de edifícios, elogio fúnebre, despedida ou bem-vinda a personalidades o retórico contribuía para o brilho da situação.

Outra característica que vimos de Orfeu é que o mesmo conseguiu agremiar em torno de si vários conjuntos de admiradores. Muitas vezes pessoas das mais diferentes orientações: homens e mulheres bacantes, guerreiros e sátiros, deuses e criaturas infernais, animais e plantas e pedras – todos paravam seus itinerários para ouvir e seguir as melodias de Orfeu.

Este poder em particular – o de construir grupos de seguidores – ou simplesmente persuasão, talvez tenha sido o mais fortemente relacionado a Orfeu por Platão. Porque esta é uma das características mais forte dos sofistas e, numa democracia direta como a grega, um dos fatores que mais poder político dava a este grupo de retóricos em detrimento daqueles como Platão que buscavam orientar a cidade pela verdade.

Os sofistas ensinavam técnicas de persuasão para os jovens, que aprendiam a defender a posição ou opinião, depois a posição ou opinião contrária, não há, de modo que, numa assembleia, soubessem ter fortes argumentos a favor ou contra uma opinião e ganhassem a discussão. (CHAUÍ, 2000, p. 43).

Dessa forma vemos os Sofistas não davam atenção à busca pela compreensão da natureza, do universo e da origem das coisas, mas sim concentravam seus esforços demonstrando que seriam capazes de tornar seus estudantes melhores nas suas atividades gregas, para que assim pudessem prosperar na sociedade grega.

Esse conflito entre a filosofia e outras forças de conhecimento como a retórica e a persuasão se declara abertamente nos textos de Platão quando este se posiciona em relação à poesia. E aqui novamente Orfeu é mencionado como um ícone a ser referenciado, seja para simbolizar um aspecto específico, seja para tomar como polo de oposição. Para Platão a poesia não pode ser considerada uma arte voltada para o Bem, apenas uma espécie de simulacro distante da verdade e da justiça. Para ele a poesia é uma atividade danosa ao corpo político, pois faz com que as pessoas aprendam maus exemplos conduzindo-as à corrupção.

Na citação do *Banquete* Orfeu é posto como exemplo de amor covarde. Ao descer vivo ao Hades para buscar Eurídice, Platão vê nesta cena um dos exemplos pejorativos que a poesia contém. O amor que não se sacrifica, que põe seu bem pessoal acima do outro. O amor que não vai até as máximas consequências para se realizar, enfim, o amor em sua forma egoísta e que depende do outro para se manter. Este amor baixo, sensual, medroso, que não se lança em busca do objeto amado – este amor é o de Orfeu – aqui, símbolo da poesia.

Igualmente condenável na poesia é a experiência de “perda de si” que os poetas demonstram. Este “êxtase” ou “entusiasmo” afeta a racionalidade e joga por terra a capacidade da alma racional do homem. Novamente Orfeu é alçado à condição de exemplo de “força divina” que sobrepõe o poder da música e da poesia sobre as mentes humanas e mortais.

Seja diante de monstros como o cão de três cabeças Cérberus, seja diante dos deuses Hades e Perséfone, Orfeu consegue sobrepujar a vontade alheia através de seu canto encantatório. Os poetas são famosos por recorrerem às Musas para que estas lhe “abençoem o canto”, e isto mostra como Platão enxerga o personagem mítico aqui: tal como as Musas, Orfeu confere “poderes” a quem o invoca e, pela presença destes, a alma é “arrebataada” e passa a ser outra que não ela mesma.

Tanto estas características da poesia quanto aquelas da retórica e da persuasão são, para Platão, nocivas. A Filosofia é a forma mais perfeita de expressão do homem e precisa de uma ferramenta para lidar com suas “adversárias”. Para isto o filósofo cria a “dialética”.

A dialética tem como objetivo chegar à verdade de uma determinada tese ou afirmação; a dialética consiste em um intenso diálogo em que as pessoas fazem uma série de perguntas e dão respostas um ao outro. Se depois de tanto discutir não chegarem a um acordo, isso significa que a tese é falsa; ou se, porém, chegarem a um consenso e aceitam como validos os argumentos empregados, é porque a tese é verdadeira e chegaram a uma verdade.

A dialética para Platão é a verdadeira retórica, pois ela conduz a verdade das coisas, sua teoria platônica tem compromisso com a verdade, e busca revelar a essência das coisas do tema proposta para discutir. A dialética respeita o comunicador como um ser racional, capaz de analisar, avaliar a mensagem transmitida, criticar, ao contrário de aceitá-la passivamente.

Justamente por isso Platão defende a dialética como forma de comunicação que tem como objetivo o conteúdo profundo e significativo das coisas. A retórica dos Sofistas é falsa e a verdadeira retórica é a dialética, pois de acordo com Platão a comunicação é aquela onde o público ouve e pode falar sua opinião.

4 - CONCLUSÃO

Concluimos este trabalho com uma pergunta retórica: a partir do exposto sobre o pensamento de Platão, terá Orfeu sido um sofista? Há diversas respostas para essa pergunta, poderíamos dizer que “não”, pois Platão em nenhum momento disse que Orfeu era nem ao menos semelhante aos Sofistas. Ou poderíamos dizer que “sim”, pois a atitude de Platão em citar o nome de Orfeu em contextos nos quais acusava características dos Sofistas, nos autoriza a pensar isso.

As passagens platônicas que citam Orfeu demonstram de que foi um mito importante para ser falado e usado como referência literária, mitológica, musical e poética. Há sempre uma menção pela sua arte de tocar instrumentos e cantar, além de aspectos emocionais como amor e coragem. A mais forte característica, e que se assemelha aos Sofistas, está na forma como ele pode seduzir as pessoas e fazer com que as sigam. Toda essa menção é clara, e faz com que tiremos claras evidências que Orfeu poderia ter sido um Sofista com poderes divinos; contudo o mito não se presta a este reducionismo e nosso trabalho aqui consiste em pensar estas relações para entender melhor Platão, e não para categorizar Orfeu.

Está claro que Platão fez uma forte defesa do espiritual sobre o material, do supersensível sobre o sensível. E neste ponto todos os elementos que se ocuparam das sensações e das experiências fenomênicas (os sofistas com a retórica e Orfeu com a música) foram tidos como adversários filosóficos a serem batidos.

A diferença entre os sofistas, de um lado, e Sócrates e Platão, de outro, é dada pelo fato de que os sofistas aceitam a validade das opiniões e das percepções sensoriais e trabalham com elas para produzir argumentos de persuasão, enquanto Sócrates e Platão consideram as opiniões e as percepções sensoriais, ou imagens das coisas, como fonte de erro, mentira e falsidade, formas imperfeitas do conhecimento que nunca alcançam a verdade plena da realidade (CHAUÍ, 2000, p. 46).

Há diversos níveis na resposta à pergunta que elaboramos para concluir este trabalho. Não podemos nos esquecer no uso estritamente literário que fez Platão do nome de Orfeu. Aliás, nos momentos que o fez, soube representar o mito com fidelidade. Da mesma forma, quando citou o personagem *enquanto mito* não hesitou em o comparar às Musas e até mesmo a Homero, em clara deferência pela excelência dos personagens mencionados.

Concluimos então que Platão usa o nome de Orfeu para designar: a) poderes encantatórios divinos *semelhantes* aos que os sofistas possuíam pela retórica; b) a capacidade

de juntar pessoas em volta dele *semelhante* aos que os sofistas também conseguiam; c) o hábito de discursar ou proferir cantos e discursos públicos *semelhante* aos feitos pelos sofistas. Mas ao lado destas semelhanças temos características completamente únicas em Orfeu como a) ter natureza divina e imortal; b) ser o fundador de aspectos da vida grega; c) ir e vir ao Hades e subjugar feras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

EURÍPIDES, Medéia. Sine loco. **Versão digital** distribuída por www.oficinadeteatro.com. Disponível em: <https://artedramaticacep.files.wordpress.com/2015/07/medeia.pdf>. Último acesso em: 22/10/2019.

_____. [As bacantes]; PÍNDARO [Odes píticas]; PSEUDO-PLUTARCO [Sobre a música]. In: CARDERARO DOS SANTOS, Lidiane Carolina. **Do encanto à hybris**: Representações de seres mitológicos com atributo musical na pintura de vasos gregos. 2015. 199 f. Orientadora Luísa de Nazaré Ferreira. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos). Coimbra: U.C. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/30849>. Último acesso em: 22/10/2019.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

JAEGER, Werner. A sofística como fenômeno da história da educação. In: _____. **Paidéia**: A Formação do Homem Grego. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PLATÃO. **Protágoras**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2002.

_____. **Íon**. Tradução de Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (Coleção Filo-Estética).

_____. Diálogos [**Banquete; Leis; República**]. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores)

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: filosofia pagã antiga. Tradução de Ivo Storniolo. v. 1. São Paulo: Paulus, 2003.

VÍRGILIO. **Bucólicas y Geórgicas**. Presentadas, anotadas y traducidas por Julio Picasso Muñoz. Lima: Fondo editorial UCSS, 2004.

ANEXOS

ANEXO A

Vaso com a pintura de Orfeu, segurando uma lira e com pássaros em volta.



Coleção Creta, Archaeological Museum of Chania

Número de inventário 2308

Estado de conservação Completo. Bem preservado.

Proveniência Grécia

Centro de produção Chania, Creta

Oficina (grupo, pintor) Desconhecida

Cronologia Minoico Recente (1300-1250 a.C.)

Dimensões Altura: 13,9 cm

Forma (tipo de vaso) Píxide (*pyxis*)

Técnica Geométrica Minoica

Iconografia

Créditos de Imagem Dan Diffendale:
www.flickr.com/photos/dandiffendale/8690026176

Análise:

Orfeu com um instrumento semelhante a uma cítara na mão direita, cercado por pássaros direcionados para baixo na face principal e para cima na face oposta. Há ainda dois símbolos abaixo da alça semelhantes a chifres bovinos com um machado de duas lâminas ao centro, os quais indicam o contexto religioso ritualístico em que, provavelmente, o vaso está inserido. Os animais presentes na cena são pássaros, cuja simbologia indica que são aqueles que conectam a terra e o céu, assumindo o papel de mensageiros dos deuses. Apesar da iconografia do vaso estar repleta de elementos micênicos, o vaso é de produção minoica local de um período conhecido como Pós-Palacial, momento de dominação micênica em Creta, que influenciou fortemente a produção cerâmica, evidenciado pela presença de motivos geométricos tipicamente micênicos na iconografia desta. FONTE: (CARDERARO, p. XLIV).

ANEXO B

Ao centro Orfeu com sua Cítara de cinco cordas na mão.



Crédito: Antikenmuseum of the University of Heidelberg, Photos Hubert Vögele

Coleção Heidelberg, Ruprecht-Karls-Universitat

Número de inventário 68.1

Estado de conservação Completo. Bem preservado.

Proveniência Ática

Centro de produção -

Oficina (grupo, pintor) -

Cronologia 600-550 a.C.

Dimensões -

Forma (tipo de vaso) Lécito (*lekythos*) squat

Técnica Figuras negras

Iconografia

Face A

Figura masculina (Orfeu), tocando cítara entre duas Sereias.

Análise:

Ao centro há uma figura masculina, que tem sido interpretada como sendo Orfeu, direcionada para a direita e segurando uma cítara de cinco cordas na mão esquerda. De cada lado uma Sereia, ambas voltadas para a figura masculina. Abaixo uma sequência de animais, um touro direcionado para a direita entre dois leões. Embora a interpretação da figura como Orfeu não seja precisa, este vaso consiste na primeira e possivelmente única representação de Orfeu argonauta, com as Sereias. FONTE: (CARDERARO, p. XLVI)

ANEXO C

Orfeu subindo ao Bema, tocando sua cítara e na outra mão um *plectron*.

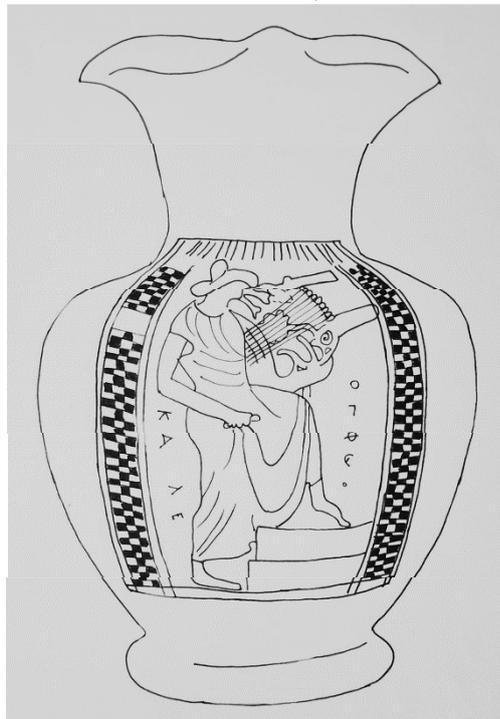


Imagem: Panyagua, *Orfeo*, 24-5.

Coleção Roma, Museu de Villa Giulia

Número de inventário M534

Estado de conservação Reconstituído. Bem preservado.

Proveniência Ática

Centro de produção Atenas

Oficina (grupo, pintor) Atribuído à Oficina do Pintor do Sátiro Branco por Beazley

Cronologia 520-510 a.C.

Dimensões Altura: 19,4 cm

Diâmetro máximo: 14,1 cm

Forma (tipo de vaso) Enócoa (*oinochoe*) trilobada

Técnica Figuras negras

Iconografia

Análise:

Orfeu subindo um *bema* de dois níveis, direcionado para a direita, segurando na mão esquerda uma cítara tradicional e um *plectron* na direita, porém não em execução. À esquerda a inscrição: XAIΡΕ (...); à direita a inscrição: ORPHEO. A cena é típica de *agon* musical, o que corrobora a ideia da existência de Orfeu como aedo e músico profissional. Ao mesmo tempo, a inserção do personagem mitológico em uma cena tipicamente cotidiana tem a função de elevar o papel do músico profissional dentro daquela sociedade, comparando-o, em excelência, com o próprio Orfeu mitológico. FONTE: (CARDERARO, p. XLVIII).

ANEXO D

Orfeu em movimento de corrida, com uma Lira na mão direita. Na outra uma trácia em movimento de corrida, com um machado na mão.



Cortesia do San Antonio Museum of Art.

Coleção San Antonio, Art Museum

Número de inventário 86.134.65

Estado de conservação Reconstituído. Bem preservado

Proveniência Ática

Centro de produção -

Oficina (grupo, pintor) -

Cronologia 470-460 a.C.

Dimensões Altura: 34,7 cm

Diâmetro máximo: 15,1 cm

Forma (tipo de vaso) Ânfora (*amphora*) de pescoço (nolana)

Técnica Figuras vermelhas

Iconografia

Análise:

Em uma face da ânfora Orfeu, com uma lira na mão direita, em movimento de corrida direcionado para a direita, porém com a cabeça voltada para o lado contrário. Os cabelos longos presos, com uma parte sobre o dorso. Não há detalhes no instrumento, como o número de cordas. No lado oposto uma mulher, provavelmente trácia, em posição de corrida direcionada para a direita, com um machado de duas lâminas na mão direita e o outro braço estendido à sua frente. Traz sobre a cabeça um chapéu, elemento geralmente atribuído a figuras não gregas. Como conjunto, pode-se interpretar ambas as faces compondo uma única cena, em que Orfeu foge da mulher trácia, que vai matá-lo, de acordo com o mito. Orfeu, aqui, está vestido da mesma maneira como é representado o jovem grego na iconografia. A inserção do herói estrangeiro com elementos típicos do jovem grego age como identificador entre o efebo cidadão e a figura mitológica do herói, enaltecendo suas virtudes em comum. FONTE: (CARDERARO, p. L).

ANEXO E

Orfeu em posição de corrida, com uma lira de sete cordas na mão direita. Uma lança perfurada na perna direita.



Foto: Nationalmuseum (CC BY SA)

Beazley Archive: www.beazley.ox.ac.uk/record/5BADD385-2C92-4227-BD1EB1DB77AC6620.

Coleção Stocolmo, National Museum

Número de inventário G1700

Estado de conservação Reconstituído. Bem preservado

Proveniência Ática

Centro de produção Atenas

Oficina (grupo, pintor) Atribuído ao Pintor de Troilo

Cronologia 500-450 a.C.

Dimensões -

Forma (tipo de vaso) Lécito (*lekythos*)

Técnica Figuras vermelhas

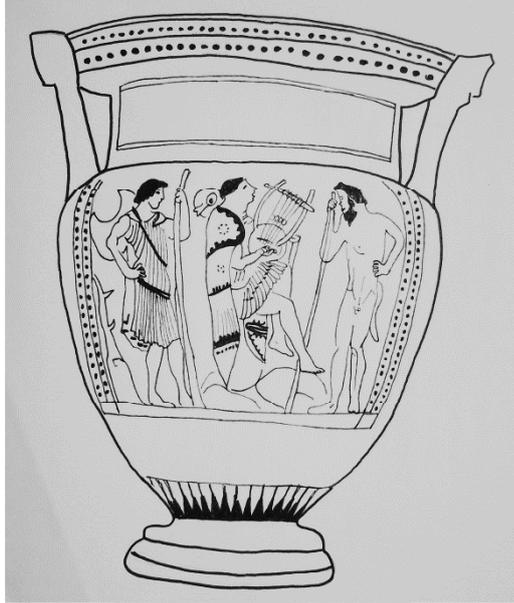
Iconografia

Análise:

Orfeu, em posição de corrida direcionado para a direita, com a cabeça voltada para o lado oposto. Segura na mão direita uma lira de sete cordas erguida à altura dos ombros, veste um *chiton* tipicamente grego e tem uma coroa sobre a cabeça. Tem uma lança perfurando a perna direita. A sua posição e a presença da lança sugerem que se trata da cena em que foge das mulheres trácias, embora elas não tenham sido incluídas na representação. FONTE: (CARDERARO, p. LII).

ANEXO F

Ao centro Orfeu toca sua Lira de cinto cordas, sentado sobre uma rocha. Na sua frente e atrás guerreiros trácios apreciando sua música.



BeazleyArchive: www.beazley.ox.ac.uk/record/5BADD385-2C92-4227-BD1EB1D B77AC6620

Coleção Stocolmo, National Museum

Número de inventário G1700

Estado de conservação Reconstituído. Bem preservado

Proveniência Ática

Centro de produção Atenas

Oficina (grupo, pintor) Atribuído ao Pintor de Troilo

Cronologia 500-450 a.C.

Dimensões -

Forma (tipo de vaso) Lécito (*lekythos*)

Técnica Figuras vermelhas

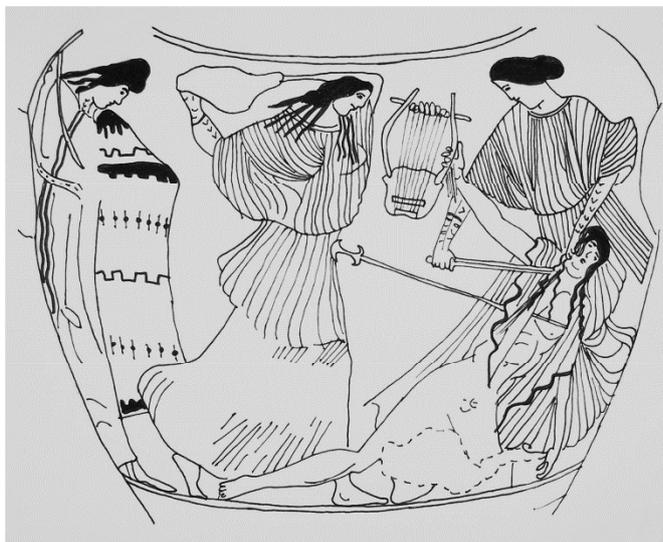
Iconografia

Análise:

Orfeu, em posição de corrida direcionado para a direita, com a cabeça voltada para o lado oposto. Segura na mão direita uma lira de sete cordas erguida à altura dos ombros, veste um *chiton* tipicamente grego e tem uma coroa sobre a cabeça. Tem uma lança perfurando a perna direita. A sua posição e a presença da lança sugerem que se trata da cena em que foge das mulheres trácias, embora elas não tenham sido incluídas na representação. FONTE: (CARDERARO, p. LXVI).

ANEXO G

Orfeu sendo morto pelas mulheres trácias.



Beazley Archive: www.beazley.ox.ac.uk/record/B2541061-199D-4A75-9D63-81C721DD5C2A

Coleção Zurique, Zurich University

Número de inventário 3477

Estado de conservação Completo. Bem preservado

Proveniência Ática

Centro de produção -

Oficina (grupo, pintor) Atribuído ao Pintor de Dokimasia

Cronologia 500-450 a.C.

Dimensões -

Forma (tipo de vaso) Estano (*Stamnos*)

Técnica Figuras vermelhas

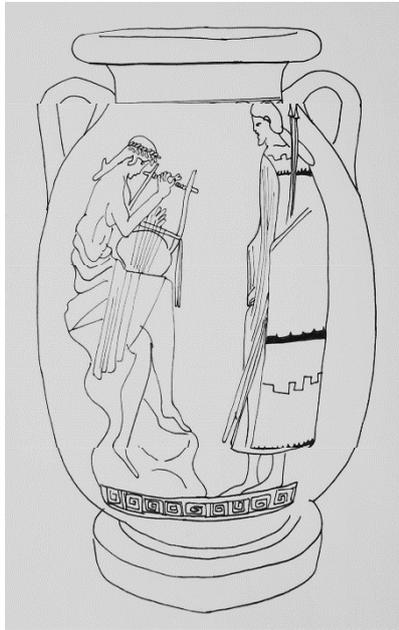
Iconografia

Análise:

Ao centro da cena está uma mulher trácia, direcionada para a direita, segurando com as duas mãos, acima da cabeça, uma pedra, em posição de ataque. À direita, Orfeu em posição de queda, frontal, segurando com a mão direita a lira acima da cabeça, atingido por uma lança na altura do tórax. Atrás de Orfeu uma outra mulher trácia, de pé, segurando com a mão esquerda a cabeça do poeta e uma espada na mão direita, em gesto de estar cortando sua cabeça. À direita uma terceira mulher correndo em direção ao grupo. Todas as mulheres têm seus braços tatuados. Na face oposta três mulheres correndo, direcionadas para a esquerda. Uma delas com um machado de duas lâminas e outra com uma lança, em posição de ataque. FONTE: (CARDERARO, p. LXVIII).

ANEXO H

Orfeu sentado em uma rocha em movimento de tocar sua lira. Em frente um guerreiro observa Orfeu.



Beazley Archive: www.beazley.ox.ac.uk/record/4C63909A-2BFF-4B90-A52CE86A75DB1949

Coleção Voronezh University

Número de inventário 107

Estado de conservação Reconstituído. Bem preservado

Proveniência Magna Grécia

Centro de produção Etrúria

Oficina (grupo, pintor) Atribuído ao Pintor de Villa Giulia

Cronologia 475-425 a.C.

Dimensões -

Forma (tipo de vaso) Pélica (*pelike*)

Técnica Figuras vermelhas

Iconografia

Análise:

À esquerda Orfeu sentado sobre uma rocha, direcionado para a direita, com a lira nos braços, em posição de executar o instrumento. Está vestido à maneira de um jovem grego. Traz uma coroa sobre a cabeça. À direita um ancião, em trajes trácios voltado em direção a Orfeu. FONTE: (CARDERARO, p. LXXII).

ANEXO I

Orfeu sentado em uma rocha, com uma lira de sete cordas e um *pectron* na mão direita. No centro um guerreiro trácio conversando com uma mulher tipicamente trácia, na sua mão esquerda segura uma foice.



Metropolitan Museum of Art: www.metmuseum.org/toah/works-of-art/24.97.30

Coleção Nova Iorque, Metropolitan Museum of Art

Número de inventário 24.97.30

Estado de conservação Completo. Bem preservado

Proveniência Ática

Centro de produção Atenas

Oficina (grupo, pintor) Atribuído ao Pintor de Londres E 497

Cronologia 475-425 a.C.

Dimensões Altura: 29,5 cm

Forma (tipo de vaso) Cratera (*krater*) em sino

Técnica Figuras vermelhas

Iconografia

Análise:

À esquerda Orfeu, sentado em uma rocha, em trajes gregos e com uma coroa na cabeça, segura a lira de sete cordas com a mão esquerda e o *pectron* com a direita, em posição de execução do instrumento. Ao centro um guerreiro trácio com vestes típicas, em posição frontal com a cabeça voltada para a direita. À direita uma mulher trácia, com a perna direita elevada sobre uma rocha e a cabeça ornada. Na mão esquerda segura uma foice. FONTE: (CARDERARO, p. LXXXVI).

ANEXO J

Ao centro Orfeu sentado sobre uma rocha, tocando sua lira e na mão direita o *pectron*. Há pessoas em vota observando Orfeu, um deles e um cavalo.



Portland Art Museum: www.portlandartmuseum.us/mwebcgi/mweb.exe?request=record;id=8146;type=101#

Coleção Portland, Art Museum

Número de inventário 36137

Estado de conservação Reconstituído. Bem preservado

Proveniência Ática

Centro de produção Nola

Oficina (grupo, pintor) Atribuído ao Pintor de Tarquínia 707

Cronologia 475-425 a.C.

Dimensões -

Forma (tipo de vaso) Cratera (*krater*) com colunas

Técnica Figuras vermelhas

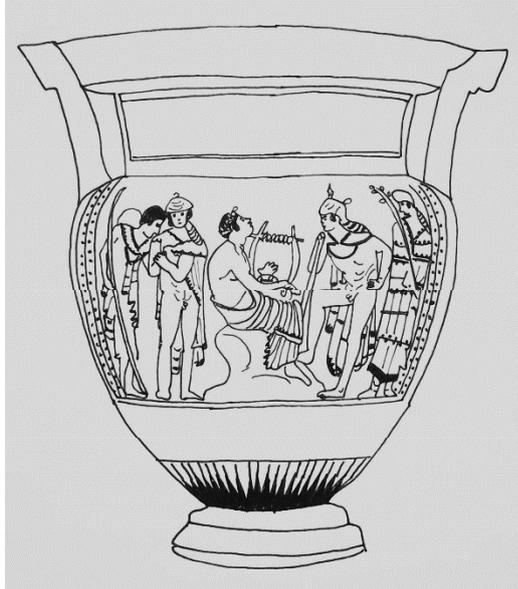
Iconografia

Análise:

Ao centro Orfeu, sentado sobre uma rocha, segurando com a mão esquerda a lira e com a direita o *pectron*, em posição de execução. À esquerda um sátiro e à direita um guerreiro trácio em trajés típicos guiando um cavalo. FONTE: (CARDERARO, p. XC).

ANEXO K

Orfeu ao centro sentado em uma rocha, tocando sua lira. Em volta há homens trácios observando Orfeu.



Staatliche Museen zu Berlin: www.perseus.tufts.edu/hopper/artifact?name=Berlin%20V.I.%203172&object=Vase

Coleção Berlim, Schloss Charlottenburg

Número de inventário 3172

Estado de conservação Completo. Bem preservado

Proveniência Magna Grécia

Centro de produção Gela

Oficina (grupo, pintor) Atribuído ao Pintor de Orfeu

Cronologia 475-425 a.C.

Dimensões Altura: 51 cm

Forma (tipo de vaso) Cratera (*krater*) com colunas

Técnica Figuras vermelhas

Iconografia

Análise:

Ao centro Orfeu, sentado sobre uma rocha direcionado para a direita, segurando com a mão esquerda a lira de sete cordas e com a direita o *plectron*, em posição de execução do instrumento. Tem a cabeça elevada, indicando ação de canto, e uma coroa na cabeça. À esquerda dois homens trácios em posição de apreciação, voltados para Orfeu, e à direita outros dois homens trácios em posição de apreciação, voltados também para Orfeu. Todos os homens seguram lanças.
FONTE: (CARDERARO, p. XCII).

ANEXO L

Ao centro segurando uma lira, Apolo, na sua mão direita um loureiro que na sua ponta a cabeça de Orfeu. Há mais duas musas em volta da cena.



Copyright Otago Museum, Dunedin
Coleção Donedin, Otago Museum
Número de inventário E 48.266
Estado de conservação Reconstituído. Bem preservado
Proveniência Ática
Centro de produção -
Oficina (grupo, pintor) -
Cronologia -
Dimensões -
Forma (tipo de vaso) Hídria (*hydria*)
Técnica Figuras vermelhas
Iconografia

Análise:

Ao centro segurando uma lira, entre duas musas, Apolo, que tem na mão direita um loureiro que, por sua vez, tem na base a cabeça de Orfeu. Esta cena nem sempre é considerada como parte do mito, mas como uma continuação ou consequência. Em Lesbos, a cabeça de Orfeu continuou a cantar e a profetizar. Apolo, tomado de ciúme, silenciou-a. FONTE: (CARDERARO, p. CIV).